

# VISITA TÉCNICA COM OS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA NA COMUNIDADE INDÍGENA XUKURU DE PESQUEIRA/PE

## **CLEONILDO MOTA GOMES JÚNIOR**

Mestre em Educação - Universidade de Pernambuco – UPE Mata Norte na área de Formação de Professores; Pós-Graduado em História da África - Fundação de Ensino Superior de Olinda – FUNESO-UNESF, Pós-Graduado em Ensino de História e Geografia - Universidade Cidade de São Paulo - UNICID, Licenciado em Pedagogia – Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Tem experiência em Ensino Fundamental nas séries iniciais, Médio em Sociologia e Superior nas áreas de Multiculturalismo, Temática Indígena, Educação das Relações Ético-raciais, entre outras. E-mail: cleonildo.junior@yahoo.com.br.

## 1. INTRODUÇÃO

**D**esenvolver uma prática pedagógica que permita no campo do saber da experiência uma reflexão crítica e reflexiva, é também oportunizar a convivência e o diálogo com os que fazem parte da história, neste caso os Povos Indígenas, que consentirá relatar suas vivências por meio da cultura e da história, e seus costumes. Levando o conhecimento da existência da diversidade de interpretações da própria realidade social organizada e sua cultura. O que permitirá aos graduandos (as) em formação docente, o entendimento de como se configuram as cosmologias indígenas: a linguagem, ritos costumes, bem como a produção de uma forma de educação autônoma.

Logo, trazer para o campo da formação docente as diversidades de educação que inter cruzam a cultura dos Povos Indígenas, é possibilitar também a refletir em novos caminhos para a formação docente permitindo algumas Instituições de Ensino Superior (IES) atender às exigências a Lei n.º 11.645/08 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

Tal compreensão da inserção da Lei, passa a desarticular os paradigmas existentes diante dos Povos Indígenas, porque o saber construído das experiências “envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente” (TARDIF, 2014, p. 18) e são adquiridas pelos professor e ofertados aos (as) graduandos (as) em formação a desenvolver uma análise crítica sobre o processo histórico-cultural dos povos indígenas numa perspectiva antropológica. Visto que este saber torna-se para os estudantes um conhecimento plural no momento que a construção do saber envolve uma experiência trabalhada no campo das Aldeias.

As consequências disso para a formação docente segundo Tardif (2014, p. 19) “é que as relações que os professores estabelecem com esses saberes geram, em simultâneo, relações sociais com os grupos, organizações e atores que os produzem”. Uma formação que pressuponha esse saber não deve se restringir nas práticas pedagógicas como métodos ou técnica de ensino mais eficientes, ou inovadoras, mas que a relação cognitiva adquirida no campo da formação docente e com o trabalho deve ser acompanhada de uma relação social (TARDIF, 2004) porque estas informações precisam estar contidas no Currículo desta IES

possibilitando a todos e os (as) educandos (as) em formação docente a capacidade de promover em suas práticas pedagógicas mudanças e um novo olhar sobre o processo histórico, sócio e cultural das sociedades indígenas, favorecendo um espaço de equidade na valorização e respeito para com o outro.

Mas para que este conhecimento possam contemplar a perspectiva do Currículo do Curso, os professores formadores precisam apropriar-se dos saberes curriculares, que segundo Tardif (2014, p. 38) correspondem aos “discursos, objetivos, conteúdos, métodos”, a partir dos quais as IES categoriza e apresenta conforme o autor, como os saberes adquiridos na formação docente e que possibilita o repensar das práticas pedagógicas e fomentar o que se constitui a Lei n.º 11.645/08.

Partindo deste proposto de mudança das práticas pedagógicas, propomos aos (as) graduandos (as) em formação docente do 4.º Período de Pedagogia a realização de uma atividade extraclasse, proposta pedagógica desenvolvida com os estudantes visou ofertar no campo da docência a construção do saber com base na teoria e prática, uma visita técnica na Aldeia dos Povos Xukuru de Ororubá – Pesqueira/PE, o reconhecimento histórico-cultural, social, política e de educação destes povos. Nesta direção Tagliari (2010, p. 159) expõe que:

Para tratar da temática histórico-cultural indígena no ambiente escolar, torna-se importante entendermos as diferentes vertentes onde ela pode ser tratada. Embora os conteúdos referentes à história e cultura dos povos indígenas brasileiros sejam tratados de modo especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras, eles podem ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar.

Diante disto, a perspectiva desta atividade extraclasse, viabilizou também proporcionar aos (as) educandos (as) em formação docente a entender o contexto ensino-aprendizagem trabalhado nas aldeias. Além disso, notar as riquezas das diferentes etnias indígenas, costumes e idiomas, respeitando as diferenças. E por fim, reconhecer como é constituído o Projeto Político-Pedagógico de uma escola indígena, principalmente dos Povos Indígenas Xukuru, Ororubá, Pesqueira/PE. Assim, “ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho” (TARDIFF, 2014, p. 21), são bases para a construção do saber pedagógico.

Portanto, as questões relacionadas às tradições sócio, cultural e histórico de um povo, especificamente dos povos indígenas do Brasil, torna-se um grande desafio para alguns professores, pois requer do mesmo um conhecimento prévio desse povo e saber com base em “uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada” (TARDIF, 2014, p. 16), sendo assim, é possível compreender e refletir que o saber adquirido nas vivências e práticas sociais do indivíduo carece estar interligada ao serviço pedagógico da formação docente.

## 2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A proposta desta atividade extraclasse na Aldeia dos Povoso Xukuru de ororuba, Pesqueira – Pernambuco, vislumbrou direcionar aos educandos (as) em formação docente do 4.º Período em Pedagogia um novo olhar para a historicidade das populações indígenas, através de uma reflexão política e histórica da diversidade desses povos. Além do compromisso enquanto futuros profissionais da educação, que atuaram como Gestores, Coordenadores, Especialistas, Professores, pois esta atividade direcionará olhar crítico, reflexivo diante do campo histórico dos povos indígenas evidenciado pelos livros didáticos, além da reconstrução da nossa prática pedagógica para a inserção da Lei n.º 11.645/08. Reconhecendo e valorizando as populações indígenas da nossa sociedade e a quebra de paradigmas instituídos em relação às diferenças étnico-culturais de um povo.

Antes da visita a comunidade dos Povos Xukuru, a aula da Disciplina de Educação Indígena, dividiu-se no conhecimento teórico com base nas leituras reflexivas, críticas e analítica de alguns artigos científicos e capítulos de livros de autores e pesquisadores que discutem sobre os desafios da História Indígena no Brasil (MONTEIRO, 2004). Os textos utilizados na Disciplina também discutem sobre a diversidade cultural das sociedades indígenas (TASSINARI, 2004); os direitos dos indígenas no Brasil (SANTOS, 2004), além de Filmes e documentários disponibilizados pelo canal do YouTube com os próprios povos que relevam suas histórias e tradições culturais. É importante destacar que a Disciplina seguiu um planejamento o qual buscou-se direcionar aos estudantes em formação, a busca do conhecimento, como destacado no quadro 1 abaixo.

**Quadro 1. Roteiro de aula da Disciplina de Educação Indígena em conformidade a Ementa do Curso**

CONTEÚDO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Definindo o conceito de Cultura e a Antropologia. O que é cultura? Quais as diferentes definições de cultura de acordo com a visão da antropologia social.	Apresentação da Disciplina; Conversa Informal; Aula expositivo-participativa; Leitura de Imagens; Leitura textual sobre a antropologia e o mundo contemporâneo: cultura e diversidade; Exercício
O desafio da história indígena no Brasil; Sociedades Indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural.	Projeção de vídeo (documentário): Índios no Brasil. Relatório Individual sobre o vídeo. Leitura textual; Discussão sobre o texto; Exercício Projeção de Filme e sequência didática; Fórum de discussão. Pré-leitura do texto: Os direitos Indígenas no Brasil (para próxima aula)
Os direitos indígenas no Brasil; A Missão Jesuítica e os povos indígenas do Brasil	Diálogo sobre o texto: Projeção de Vídeo; Reflexão sobre o vídeo; Atividade relacionada ao vídeo apreciado, Leitura textual em grupo: Exercício em trio ou quarteto. Pré-leitura do texto para a próxima aula.

**Fonte: O autor, 2019.**

É importante destacar que este roteiro de aula diversifica toda a dinâmica da Disciplina no decorrer do Curso, o qual possibilitou a construção de um Projeto Extraclasse. Contudo, a prática pedagógica estruturado em Projetos possibilitou uma estratégia de aprendizagem que estabeleceu no campo da vivência uma sólida interlocução com outras áreas do conhecimento, a História, Geografia, as Ciências entre outras. Contudo, a proposta pedagógica com projetos depois da base teórica, está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei nº 9.394/96 em seu artigo 26-A que constitui o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena.

A atividade seguiu a seguinte estrutura: primeiramente houve um estudo teórico com bases em autores e pesquisadores que se debruçam sobre a temática em evidência. Este estudo, viabilizou a preparação dos (as) graduandos (as) em formação docente ao que diz respeito a

inserção do Ensino de História e Cultura dos Povos Indígenas conforme a Lei n.º 11.645/08. No segundo momento, os educandos (as) em formação docente, foram direcionados ao aldeamento dos povos indígenas da etnia Xukuru de Ororubá Pesqueira/PE com a proposta de conhecerem as tradições culturais que compõe esse grupo étnico por meio do diálogo com suas lideranças.

O terceiro momento, foi proposto aos (as) educandos (as) do 4.º período de pedagogia inter cruzar o conhecimento empírico e teórico através da experiência com os povos indígenas, onde conheceram o Projeto Político-Pedagógico constituído pela Escola Indígena da localidade. E por fim, no quarto momento, os (as) graduandos (as) em formação vivenciaram na prática o que compõe o Toré, pois segundo Grunewald (2005) e Nascimento (2011) o Toré é considerado pelos Povos Indígenas como um regime encantado vivenciado pelos índios do Nordeste. Enquanto ritual religioso é caracterizado pelo transe mediúnico, onde acontece a comunicação entre os encantos e os encantados, ou seja, quando a mateira se manifesta.

Estas experiências pedagógicas viabilizaram a uma ação didático/pedagógico que contemplasse a inserção do Ensino da Cultura dos Povos Indígenas em conformidade da Lei n.º 11.645/08, visando nos (as) graduandos (as) em formação docente um novo olhar sobre as populações indígenas do Brasil. Visto que, esta prática pedagógica pautada para o conhecimento da História dos Povos Indígenas, especialmente a População Xukuru de Ororubá, Pesqueira/PE, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 1997) – História e Geografia devem estar alicerçadas no trabalho do professor formador com o intuito de promover e alicerçar no trabalho o envolvimento para uma distinção básica entre o saber histórico. Mas não com referência históricas anacrônicas destas populações e tão pouco com a visão estereotipada da mesma.

Os dados coletados nesta prática pedagógica contribui para demonstrar de forma geral as experiências vivenciadas pelos (as) graduandos (as) em formação docente do 4.º Período de Pedagogia, a pensar em constituir uma prática pedagógica com bases na Lei n.º 11.645/08. Pois, visou contemplar o que Silva (2015) afirma, que através da lei possibilitará o reconhecimento das sociodiversidade indígenas nos Cursos de Licenciaturas. Portanto, as intervenções pedagógicas no trabalho das experiências empíricas e teóricas ocorrida no espaço geográfico dos Povos Indígena Xukuru vislumbrou nos estudantes em Pedagogia

mudanças significativas com base no respeito e na valorização histórica das Populações Indígenas.

Contudo, pensar em contemplar a teoria/prática na Disciplina do Ensino da Temática Indígena no Curso das Licenciaturas em Pedagogia, experiências vividas na comunidade local dos Povos Indígenas Xukuru, conjecturou desarticular o currículo colonialista que impera no campo de algumas Instituições de Ensino e prática do daltonismo cultural, que segundo Moreira e Candau (2008, p. 31) “o professor ‘daltônico cultural’ é aquele prática pedagógica que não valoriza o ‘arco-íris de culturas”, mas que este daltonismo não somente afeta o professor, porém o Currículo de algumas IES. Deste modo, é importante destacar que a atividade com o projeto direcionada a turma de Pedagogia do 4.º Período foi constituído através da Matriz Curricular do Curso em conformidade a Lei n.º 11.645/08, que veiculou fortalecer uma política educacional que prime pelo respeito e a valorização histórica do outro.

### 3. RESULTADOS

A receptividade dos (as) graduandos (as) na Aldeia dos Povos Indígenas Xukuru do Ororubá na comunidade do Caxo da Boa Vista, município de Pesqueira, Pernambuco, ocorreu mediante a um ato religioso, tradição da cultura destes povos, antes mesmo de realizar quaisquer trabalhos na Aldeia. É importante destacar que ato religioso praticado na comunidade se torna para este povo uma herança deixada pelos seus ancestrais, considerados como orientadores para quaisquer, eventualidade desenvolvida na comunidade.

Em se tratando da ancestralidade, vale ressaltar que para os Povos Indígenas em suas particularidades, a ancestralidade são as forças da natureza enquanto principais regentes da vida na terra. Além disso, o princípio da energia enquanto fator fundamental da espiritualidade, a presença do invisível, a harmonia e integração entre o mundo espiritual e o material. Assim, iniciou-se a realização das ações práticas na comunidade, como demonstra a imagem 1 abaixo.

Após essa troca de saberes no primeiro momento da visita técnica com os (as) graduandos (as) tornou-se um ponto crucial para compreender como a população Xukuru vivencia na comunidade os trabalhos de iniciação para a difusão do conhecimento e transmissão da sua cultura. Isso tornou-se para os estudantes um rico saber, porque este contato com o conhecimento das culturas destes povos possibilitou o entender

cosmológico que rege toda a vida religiosa, econômica e social dos Povos Xukuru do Ororuba.

Este favorecimento do saber com base na formação histórica deve conduzir o conhecimento por meio do princípio narrativo que se traduz aos fatos, e vivenciado pela humanidade a partir das experiências da vida prática (RÜSEN, 2010), foi fundamental para a formação dos (as) graduandos (as), porque possibilitou fazer a união da teoria e os saberes concedentes por meio do saber das experiências, que do ponto de visto de Tardif (2014), o ensino deve acontecer no contexto das múltiplas interações que contemplam condicionantes diversos para a atuação do professor. Esses condicionantes destacados pelo autor, permite o professor transformar-se num estilo de ensino.

Ao desenvolver os saberes das experiências, Tardif (2014, p. 53) enfatiza que estes saberes “adquirem também uma certa objetividade em sua relação crítica como os saberes disciplinares, curriculares e da formação profissional”. Mas que esta construção através das experiências vividas pelos (as) graduandos (as) em formação possam desenvolver no seu cotidiano, ações estratégicas para o respeito e valorização com os povos indígenas. No que lhe concerne, estas estratégicas sejam com base de estrutura da mediação didática processo de ensino-aprendizagem, para o reconhecimento e a valorização do outro.

Neste contexto, Libâneo (2015, p. 641) enfatiza que:

O caminho didático para a formação dos conceitos pelos alunos deve reproduzir ou recriar o caminho investigativo já percorrido pelo pensamento científico, de modo que os alunos interiorizem métodos e estratégias cognitivos para desenvolver seu próprio pensamento (LIBÂNEO, 2015, p. 64 1).

Mas que este pensamento constituído através do conhecimento científico e empírico, incorporem no cotidiano dos estudantes do Curso de Pedagogia, uma formação que contemple a quebra de paradigmas pejorativas em relação às populações indígenas, e possam compreender os equívocos históricos, culturais, sociais e étnicos estabelecidos sobre a história destes povos, como destaca Grupionni (2004) em seus estudos e pesquisa. Logo, a prática pedagógica por meio do conhecimento empírico na comunidade dos Xukuru de Ororuba, vislumbrou uma didática eficaz aos estudantes em formação docência, por ampliar a capacidade deles a observar as particularidades existentes entre os povos indígenas,

mas que beneficiou aos estudantes o reconhecimento destes povos enquanto ser social e de pertencimento na História do Brasil.

Portanto, ao disseminar o conhecimento histórico das populações indígenas no campo da formação docente, o saber da experiência, a IES precisa refletir que “o conhecimento passou a ser considerado atemporal, parcial, sempre em movimento” (SANTOS, 2015, p. 193), com também as culturas dos povos indígenas passaram por transformações, e que estes buscam desarticular a conjectura que se estabeleceu no campo histórico da formação brasileira.

Para pensar em uma história do tempo presente intercalando a teoria com a prática, Hobsbawm (1995, p. 105) justifica que a vivência pessoal deste tempo “[...] molda inevitavelmente a forma como o vemos, e até mesmo o modo como determinamos a evidência à qual todos nós devemos apelar e nos submeter, independente de nossos pontos de vista [...]”. Dessa forma, as trocas de saberes no contexto da prática da experiência no espaço geográfico da População do Xukuru por meio do diálogo são consideradas com um passo importante no ensino da temática indígena.

De fato, as experiências adquiridas no espaço geográfico [1] dos Povos Xukuru, tornou-se essencial o conhecimento dos (as) graduandos (as) em formação docente uma aproximação com a história e cultura desses povos. Visto que “a presença da temática indígena contribui para além de definições éticas. Ela é um compromisso ético (SANTOS, 2015, p. 189), além de, nos fornece base para compreender a nossa história. História esta que segundo Grupionni (2005) sempre foi renegada através dos equívocos e discursos distorcidos nos livros didáticos, apontando apenas para os índios do Estado do Amazonas.

Neste contexto, Santos (2015) enfatiza que precisamos superar essas visões sobre os povos indígenas, e refletir que eles se encontram em todo o território nacional, como mostra as experiências vividas pelos (as) graduandos (as) do Curso de Pedagogia ao trocar os saberes com os Povos Indígenas Xukuru de Ororuba, localizado no município de Pesqueira, Sertão do Estado de Pernambuco. Logo, o professor formador ao trabalhar atividades que envolvam os conhecimentos históricos e culturais dos Povos Indígenas em sala de aula, deverá estimular os estudantes, as reflexões, análises, pesquisas, interpretações, confrontamentos e organização de conteúdos históricos.

Essas ações são competências e habilidades que devem ser adquiridas no Ensino de História por meio da matriz curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia, promovendo uma reflexão crítica dos

estudantes, de modo que eles (as) possam reconhecer a verdadeira história dos povos indígenas do Brasil. Nesta direção, se faz necessário compreender e refletir diante do ensino de História das Culturas dos Povos Indígenas, que a História precisa ser compreendida como o resultado da ação de diferentes grupos, setores ou classes de toda a sociedade. Assim, o professor precisa despertar nos estudantes o reconhecimento da história dos Povos Indígenas partindo do princípio que, a história faz parte da produção de todos os homens. Ao compreendermos o que se constitui uma prática pedagógica para a interculturalidade nas escolas da comunidade dos Povos Xukuru, a Professora Indígena Xukuru, a Senhora Renata Hora Barros, formada em Ciências Biológicas com especialização em ensino de Biologia, vislumbrou as suas experiências práticas e pedagógicas na escola, apresentando ao grupo dos estudantes do 4.º Período de Pedagogia o que se trata o processo da educação interculturalidade na comunidade escolar.

Nesta perspectiva, a Professora Renata nos presenteou com seu discurso, enfatizando todo esse processo de melhoria na educação dos Povos Xukuru de Ororuba. Visto que este processo corresponde as lutas e resistência dos Professores Indígenas da Comunidade que buscam uma educação diferenciada, esta com bases na cultura de um povo. Este momento de trocas de saberes com base na Proposta do Projeto Político-Pedagógico das Escolas Indígenas Xukuru de Ororuba vivenciada pelos (as) graduandos (as) em formação docente, refletiu nas discussões obtidas através das leituras teóricas que fundamentaram o saber pedagógicos desses estudantes. Porque, nas Escolas Indígenas o processo metodológico do ensino são ações pedagógicas que perpassa por um trabalho coletivo atendendo as perspectivas da própria comunidade (SILVEIRA e SILVEIRA, 2012). Compreensão esta que está adquirida no diálogo com a Professora Indígena Renata Hora.

Logo, estudar a história dos Povos Indígenas do Brasil sobre o olhar de quem está inserido neste processo, com a prática da atividade extra-classe, favorece aos estudantes e o Professor Formador a construção do saber através das relações interpessoais através do diálogo. Logo, pensar em uma educação diferenciada, é proporcionar emancipação e promover a construção da autonomia e a consciência crítica dos educandos (FREIRE, 1996). Assim, a educação com este viés deverá estender-se a todos sem distinção de cor, credo ou qualquer outra categoria de discriminação (BRASIL, 1996).

Pensar uma prática pedagógica para as transformações sociais e para a construção de uma formação crítica e cidadã, os Cursos de Licenciatura Plena em Pedagogia, precisa formar seres questionadores, mas que permita condições básicas, teoria/prática, para que os estudantes em formação docente possam fortalecer o que se constitui a Lei nº 11.645/08. Finalizando as trocas de saberes com os Povos Xukuru de Ororuba, os graduandos (as) em formação docente do 4º Período de Pedagogia foram convidados a participar do ritual religioso que acontecem todos os sábados no horário tarde na comunidade. Momento este que para esses povos chamado Toré.

Para Neves (2005) o Toré é parte da cosmologia dos Povos Xukuru considerado como uma linguagem étnica religiosa, além de ser considerado como um ritual importante para a reflexividade deste grupo e que “durante o ato performático o sujeito é capaz de refletir sobre si e sobre o mundo” (NEVES, 2005, p.130). Neste local sagrado que acontece a ritualística destes Povos, o Toré é dançado segundo o autor em linhas indianas e formação de círculo. É importante destacar que para esses povos a mata e terra é considerada com um símbolo sagrado e precisa ser respeitado por todos, porque nela encontram-se vidas e necessitam ser preservadas pelas populações diante a memória de um povo.

O contato com o local sagrado dos Povos Xukuru, o Terreiro como é considerado por eles, possibilitou aos (as) graduandos (as) em formação docente do 4º Período de Pedagogia a quebra do preconceito e da intolerância religiosa. Porque a intolerância religiosa que se estabeleceu na sociedade brasileira fez a população colocar em prática o etnocentrismo, que “consiste, pois, em julgar como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”, “normal” e “anormal” os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos a partir dos próprios padrões culturais” (THOMAZ, 2004, p. 431). Esses prejulgamentos precisam se desarticulado da sociedade, especialmente no campo da educação, porque estamos diante de culturas diferenciadas e precisam ser respeitadas e valorizadas.

Desta forma, pensar na prática etnocêntrica é considerar o que reforça Thomaz (2004, p. 431) ao enfatizar que “o etnocentrismo pode consistir numa desqualificação de práticas alienígenas, mas também na própria negação da humanidade do outro”. Contudo, desarticular as práticas etnocêntricas que impera diante as culturas dos Povos Indígenas, especialmente aos rituais religiosos, é possibilitando o reconhecimento de mundo destas populações e respeitando todas as formas de cultura que há no mundo.

Assim, o diálogo que consistiu entre os Povos Xukuru e os estudantes no momento da ritualística do Toré, fortaleceu o que propõe Gadotti (2000, p.158) que este diálogo visa “integrar, interagir, respeitar, entender o outro e aprender com o outro é o que nos ensina a educação multicultural à qual todos nós aspiramos.” É nesse contexto que findamos a nossa visita técnica, cujo objetivo direcionará o reeducar do olhar para com o outro treinado para a interculturalidade e descobrir (GADOTTI, 2000), considerados elementos culturais externos que revitalizará a todos (as) os estudantes em formação docente a sua própria cultura.

Os saberes articulados na formação de Professores como base nas experiências e nas relações interpessoais, permitiu aos (as) graduandos (as) em formação docente dialogar com os Povos Indígenas Xukuru na perspectiva de se construir um novo olhar histórico para estas populações. Esse diálogo vivenciado através das interações humanas, contribuiu para desmistificar os discursos errôneos e anacrônicas que se estabeleceu na história das culturas dos povos indígenas, o que muitos pesquisadores e autores enfatizavam um discurso ideológico que sustentava na extinção dos povos indígenas (MONTEIRO, 2004).

Neste contexto, possibilitar os (as) estudantes da Pedagogia a des-construir esse olhar eurocêntrico sobre estas populações, com base nas atividades extraclasse, deve ser considerada tanto pelo professor formador quanto a matriz Curricular da Licenciatura em Pedagogia, fortalecerá o que Monteiro (2004) reafirma sobre a necessidade refazer as trajetórias múltiplas para entender que a história dos povos indígenas possa fazer parte da história do Brasil.

Uma atividade extraclasse deverá ser considerada no campo da formação dos (as) graduandos (as) em Pedagogia como parte do processo de ensino e aprendizagem e, quando bem elaborada e desafiadora amplia o aprendizado. Porque é no campo das experiências que se articulam os saberes necessários para a transformação social e profissional, contudo, essa atividade precisa ser fomentada nas formações dos (as) graduandos (as) em docência para que necessitam praticar um olhar de diferentes ângulos, e não apenas enxergar a história dos Povos Indígenas com um único olhar, mas com uma ótica para a sociodiversidade. Mas que estas experiências vivenciadas no espaço geográfico desses povos, permitam a construção do saber com bases no respeito e na valorização do outro.

Diante desta realidade, espera-se que este relato da experiência possa promover novas práticas pedagógicas que inter cruzem os espaços não escolares na perspectiva de constituir a quebra o etnocentrismo

em relação às culturas dos Povos Indígenas. Temos a expectativa de que as múltiplas vivências e de significados por meio das trocas de saberes com este povo, venha contribuir ressignificando as ações pedagógicas e a reelaboração dos conceitos no que se refere as populações indígenas do Brasil.

## REFERÊNCIAS

BRAND, Antonio Jacó. Educação indígena: uma educação para a autonomia. **XII ENCONTRO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO MERCADO/CONESUL**, v. 6, 2004.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília CERVO, Amado Luis; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. 1996. Paz e Terra.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. As múltiplas incertezas do Toré In: GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo (Org.). **Toré**: regime encantado do índio do Nordeste. Recife: FUNDAJ, 2015. p. 39-70.

HOBBSAWM, Ericc J. "O presente como história: Escrever a história do seu próprio tempo". Tradução de Heloísa Buarque de Almeida. In: **"Revista novos estudos"**. São Paulo; CEBRAP, Novembro/95 nº 43, p. 103-112.

LIBÂNEO, José Carlos. Formação de Professores e Didática para o desenvolvimento Humano. In: **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2. 2015, p. 629-650.

MONTEIRO, John Manuel. O Desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **A temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: Global; Brasília: MEC; MARI: UNESCO, 2004.

NASCIMENTO, Marco Tromboni de S. Toré Kiriri: O sagrado e o étnico na reorganização coletiva de um povo. In: GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo (Org.). **Toré: regime encantado do índio do Nordeste**. Recife: FUNDAJ, 2015. p. 39-70

NEVES, Rita de Cássia. **Dramas e performances: o processo de reelaboração étnica Xukuru nos rituais, festas e conflitos**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Florianópolis; UFSC, 2005.

NEVES, Rita de Cássia. Identidade, Rito e Performance no Toré do Xukuru. In: GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo (Org.). **Toré: regime encantado do índio do Nordeste**. Recife: FUNDAJ, 2015. p. 129-153

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história: formação e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

SANTOS, Taysa Kawanny Ferreira. Contando histórias do presente indígena no Brasil (2008-2011). In: FERREIRA, Gilberto Geraldo; SILVA, Edson Hely; BARBALHO, José Ivamilson Silva. (Orgs.). **Educação e diversidades: um diálogo necessário na Educação Básica**. Maceió: EDUFAL, 2015. p. 181-197.

SOUZA, Alécio Leudo Braga de et al. **EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: uma análise da educação intercultural do povo Xukuru do Ororubá**. 2012. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Edson Hely. Os povos indígenas e o ensino: possibilidades, desafios e impasses a partir da lei 11.645/2008. In: FERREIRA, Gilberto Geraldo; SILVA, Edson Hely; BARBALHO, José Ivamilson Silva. (Orgs.). **Educação e diversidades: um diálogo necessário na Educação Básica**. Maceió: EDUFAL, 2015. p. 161-180.

SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **A temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: Global; Brasília: MEC: MARI: UNESCO, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TAGLIARI, Itamar Adriano. Diversidade, práticas corporais e saúde: a questão indígena na escola. In: GRANDO, Belene Saléte; PASSOS, Luiz Augusto (Orgs). **O eu e o outro na escola**: Contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola. Cuiabá: Edufmt, 2010, p. 153-164.